



Conversas
com valor 

Natália Ferrador Santos

Paixão. É a palavra que mais repete quando se refere à sua profissão.

**É preciso ter paixão para ser enfermeira.
Natália nasceu nos anos sessenta em Leiria.
Foi de uma experiência pessoal que veio a vontade de seguir os caminhos da enfermagem.
Nunca pensou ser outra coisa.**

Aos 18 anos ingressa na escola de enfermagem e no último ano de estágio vai para o Hospital das Caldas, local onde já trabalha há quase quatro décadas e onde nos recebeu como se fosse a sua casa. “Ao início ainda pensei trabalhar com crianças, mas conclui rapidamente que era muito traumático para mim” conta-nos que trabalha há cerca de 30 anos no serviço de cirurgia geral e que chegou à vertente de estomaterapia, porque havia falta de conhecimento na altura de como cuidar os doentes com ostomia, “percebi que nem eu nem os meus colegas tínhamos conhecimentos para ensinar e acompanhar os doentes quer a nível teórico, quer ao nível dos materiais que devíamos utilizar”. É a partir daqui que inicia a sua formação, algo cuja oferta na altura era escassa, e o seu objetivo era adquirir competências para conseguir fazer a diferença na vida dos doentes com ostomia. No início dos anos 2000 inicia a prática da consulta, no mesmo gabinete em que nos conta a sua história, e onde tem pendurados, há já mais de duas décadas dois cartazes explicativos com a localização da patologia intestinal e localização das ostomias no intestino. Numa altura em que a internet não existia para dar respostas, era preciso ir diretamente aos laboratórios que comercializavam os produtos para ostomia, “partir pedra” como nos diz, para poder obter informação e conhecimento. Além destas dificuldades iniciais conta-nos que também foi preciso trabalhar o reconhecimento interno, não dos médicos que perceberam desde o primeiro instante a importância do trabalho que estavam a realizar e o valor acrescentado, mas dos pares “os outros enfermeiros tinham pouca informação sobre o que fazíamos e por isso estranhavam o facto deirmos ocupar este espaço e termos uma consulta em funcionamento”.

Acredita que hoje não existe o mesmo estigma que há uns anos atrás, mas conta-nos que *“continua a ser difícil encarar a situação. A primeira reação é sempre de incredulidade. Mas depois quando são apresentadas as alternativas as pessoas acabam por pelo menos ficarem conscientes de que é algo necessário para a sua sobrevivência e para manter a sua qualidade de vida.”* Diz-nos ainda que o mais difícil agora é o facto de as pessoas estarem cada vez mais sozinhas: *“aqui estamos num meio mais rural, com pessoas sobretudo idosas que não têm ninguém familiar por perto, e às vezes é preciso arranjar-mos um vizinho ou um amigo que possa auxiliar neste processo.”* A ruralidade é, conta-nos, talvez um dos maiores obstáculos que existem neste momento. A falta de literacia dos doentes obriga-nos a ter um cuidado extra para entender quando a mensagem está ou não a ser recebida porque nem sempre as pessoas dizem que não estão a perceber. Além disto, estes doentes são, muitas vezes, pessoas que trabalham no campo ou em atividades relacionadas com a pesca, que estão habituadas a fazerem trabalhos pesados e que não entendem que com uma ostomia há atividades que não se podem realizar, que há hábitos de vida que têm de mudar. Conta-nos também que a falta de meios complementares de diagnóstico e de médicos de família, tem vindo a agravar algumas das situações com que se deparam. Refere-nos ainda, que muitas pessoas não estão sensibilizadas para sintomas de alerta e ainda que existe uma cultura do deixar para amanhã, o que também contribui para que os casos se tornem mais graves.



Durante a conversa somos interrompidos pelo telefone que traz notícias menos boas do falecimento de um doente: *“nunca nos habituamos. Mas com o tempo aprendemos a viver estas emoções de outra forma”*. Explica-nos que é preciso ter uma empatia muito grande, sabermos colocarmo-nos no lugar do outro, saber ouvir, compreender e ter muita paciência para ter esta profissão: *“é preciso competência para termos esta profissão mas é ainda mais preciso termos paixão”*. Diz-se uma pessoa de afetos e mostrou-nos, com orgulho, um papel que entrega a todos os seus doentes que vem pela primeira vez à consulta, com uma prescrição diária, fundamental, os abraços *“é uma maneira de quebrar o gelo com estes doentes sabem? Uma forma de saírem daqui, ainda que tristes, com um sorriso.”* À paixão, palavra que não se cansou de repetir, acrescenta que o que a move diariamente é saber que faz a diferença na vida das pessoas que acompanha na consulta. Apesar dos muitos obstáculos que tem encontrado pelo caminho: *“esses não me podem parar. Pego neles arranjo força para continuar. Sempre fui e mantenho-me uma pessoa muito resiliente”*.

É com esse espírito resiliente que nos fala sobre o mais recente desafio que decidiu abraçar, realizar a certificação do Programa ERAS da cirurgia Colorretal, no serviço onde trabalha, como enfermeira coordenadora desta equipa e que conclui com sucesso. Explica-nos que o valor deste reconhecimento é o facto de que para se obter a certificação é necessário cumprir com critérios de qualidade, em que há uma mudança de paradigma na abordagem peri-operatória. O objetivo final é que a cirurgia decorra sem complicações, a recuperação seja rápida para regressar logo que possível a casa e a satisfação do doente.

Já quase em final de conversa, perguntámos-lhe qual seria o seu maior desejo para esta profissão ao que nos respondeu sem rodeios *“que quem venha, venha por gosto e não por falta de opção. Que houvesse mais reconhecimento social do trabalho dos enfermeiros”* como nos conta, *“temos de ouvir as pessoas, não as podemos apressar. Temos de perceber quem temos à frente e as pessoas têm de sentir que estão a ser compreendidas.”*

“Temos de perceber quem temos à frente e as pessoas têm de sentir que estão a ser compreendidas.”

Volta a falar-nos da paixão que tem por esta profissão, e de como é esse sentimento que a mantém por cá ao longo de todos estes anos e com a mesma força e dedicação do início, apesar das (des)ilusões que foi encontrando pelo caminho. A paixão que ao fim de quatro décadas de trabalho a faz abraçar desafios e lutar pelo que acredita.